

Cinco dias na Imprensa Paulista: análise da cobertura da Folha e do Estadão sobre as manifestações de março de 2015¹

Marli dos SANTOS²
Nathália Cunha da SILVA³
Ricardo Costa ALVARENGA⁴

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

As manifestações de março de 2015 tiveram ampla cobertura na mídia, por serem tema que mobilizaram a opinião pública. Nesta pesquisa buscou-se comparar a cobertura dos dois periódicos, por meio dos gêneros e formatos jornalísticos, com foco no posicionamento de cada um sobre o apoio ou não às manifestações em favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff. O estudo é um desdobramento da pesquisa coordenada por José Marques de Melo, “Um dia na imprensa brasileira”, feita em parceria com a Cátedra Unesco/Metodista. É baseado em pesquisa quantitativa, tendo como instrumento de investigação a análise de conteúdo, na qual foram analisadas as tendências numéricas. Concluiu-se que os dois jornais deram prioridade ao gênero opinativo, além de apoiarem as manifestações de 15 de março de 2015.

Palavras-chave

Gêneros jornalísticos; Manifestações Políticas; Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo; Manifestações de 15 de março de 2015

Introdução

As manifestações que têm acontecido no mundo, tanto em países do norte quanto nos do sul, seja por indignação ou esperança (CASTELLS, 2013), revelaram, especialmente no caso do Brasil, que as redes sociais são eficientes quando se trata de aglutinar pessoas que tenham as mesmas demandas e que se dispõem a tornar concretas as suas ações na vida real.

São vários os exemplos dessas ações, desde a Primavera Árabe, passando pelo Ocupe Wall Street e as manifestações no Brasil, que tiveram ampla cobertura em 2013, sendo referenciadas como as “Manifestações de Junho de 2013”. As demandas eram

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em comunicação, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: marli.santos@metodista.br

³ Mestranda em Comunicação pelo Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes, email: nathaliacunhasilva@gmail.com

⁴ Mestrando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista Capes, email: ricardocalvarenga@gmail.com

muitas: desde a redução das tarifas de transporte urbano, a educação, a saúde, até a corrupção. O desabafo público, que mobilizou milhões de pessoas, desencadeou outras manifestações, além de junho, como também a violência de alguns grupos infiltrados, como os black bloc⁵. Peruzzo (2013, p. 74) analisa:

As manifestações coletivas de protesto (...) tiveram seu auge em São Paulo no dias 17 e 18 de junho de 2013, nos seus 4º e 5º protestos, iniciados de forma pacífica, mas que terminaram em meio à violência, tanto da polícia como de participantes adeptos à ações radicais.

Após o mês de junho de 2013, várias outras manifestações ocorreram no Brasil e fizeram o país virar manchete na imprensa internacional. Uma das grandes vitrines para a insatisfação popular foi a Copa das Confederações⁶, no mesmo ano. Em novembro 2014, ocorreram as eleições presidenciais e a recondução da presidente Dilma Rousseff ao cargo máximo, por uma diferença pequena de votos em relação ao seu opositor, Aécio Neves (do PSDB, Partido da Social Democracia Brasileira). A insatisfação dos partidos de oposição ao governo federal e as sucessivas denúncias de corrupção na Petrobras, maior empresa brasileira – até então uma referência de sucesso em gestão e tecnologia em exploração de Petróleo - estimularam o surgimento de comunidades nas redes sociais, que pediam o *impeachment* da presidente. Dessa vez a convocação para as manifestações vinha do grupo Vem pra rua⁷.

A movimentação no espaço público virtual, fomentada pelos grupos anticorrupção e a favor do impeachment, transformou-se novamente em manifestação política no espaço público das cidades, com encontro agendado para o dia 15 de março. Diferentemente da gama de pleitos expressos outrora, quase dois anos depois, havia um clima de indignação generalizada com as denúncias de corrupção, somados às medidas tomadas pela presidente na condução da política econômica e social, a qual promoveu restrições ao pagamento de benefícios, como o seguro desemprego.

⁵ Os black bloc são grupos que contestam a ordem vigente, são contra o capitalismo e a globalização, e se camuflam com máscaras pretas, daí do nome. Ver mais em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>

⁶ A Copa das Confederações em 2013 foi um teste para os brasileiros, que realizaram a Copa do Mundo de Futebol de 2014 no país, também sob protestos na abertura oficial.

⁷ O movimento “Vem por Rua” surgiu em 2013, quando ocorreram as grandes manifestações no Brasil. Mais informações ver documentário “Vem pra rua”, disponível em <http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/documentario-vem-pra-rua-mostra-e-explica-as-manifestacoes-do-brasil/>

A corrupção foi o principal mote para as manifestações, mas havia certa polarização entre os manifestantes que se posicionavam a favor ou contra a saída de Dilma Rousseff e o PT – partido que elegeu a presidente. Apesar da revolta, conforme publicado no Portal da Globo.com/G1, não houve violência: “O clima era pacífico: manifestantes exibiam camisas e bandeiras brasileiras, pintavam o rosto, apitavam, batiam panelas e cantavam. Pessoas de diferentes idades e famílias inteiras participavam do protesto” (MANIFESTAÇÕES, G1, 2014).

Conforme menciona Peruzzo (2013, p. 77), não se pode confundir os movimentos de junho de 2013 (inclui-se o de 15 de março de 2015) como movimentos sociais, e sim “Movimentos político-ideológicos” que lutam “por participação política, protestos por antagonismos políticos, reivindicações por democracia, mudança de regime”, entre outras bandeiras. A autora complementa, citando Gohn, que os mesmos são

constituídos em decorrência de conjunturas políticas de uma nação (a exemplo de insurreições políticas, revoltas, motins, revoluções etc.), assim como os surgidos a partir de ideologias – apesar de a ideologia perpassar qualquer movimento – tais como o anarquismo e o marxismo. Porém, em nosso conceito, como demonstram as grandes manifestações públicas ao redor do mundo nos últimos anos, esses podem ocorrer não só em momento de luta política extrema, mas também em situações de protestos e reivindicações por mudanças, mas sem interferir profundamente na ordem estabelecida (PERUZZO, 2013, p. 77)

As manifestações do dia 15 de março de 2015 tiveram adesão de um público variado. Diz a reportagem Do G1 (2015) : “O público reunia manifestantes de diferentes idades e correntes ideológicas. Entre as faixas e cartazes mais frequentes estavam críticas a presidente Dilma Rousseff, pedidos para a saída do Partido dos Trabalhadores (PT) e da presidente do poder e pedidos pelo fim da corrupção.”

Essa efervescência foi amplamente comentada e divulgada não só nas redes sociais, como também na grande imprensa, inclusive jornais impressos, como veremos a seguir.

Gêneros como expressão editorial

São diversas as categorias comunicacionais presentes nos jornais, segundo Marques de Melo (1992). Elas são divididas em conteúdos Informativo, Publicitário, Lazer e Educação. Neste artigo, o que nos interessa são os conteúdos informativos, estudados por meio dos gêneros jornalísticos e seus formatos.

Os gêneros são “horizontes de expectativa para leitores” e “modelos de escrita para os autores” (CHAPARRO, 2000), e compõem o perfil editorial dos jornais. Marcondes Filho (2000), ao referir-se à evolução do jornalismo, analisa que há quatro grandes períodos, além de

vestígios anteriores, caracterizados, segundo Souza (2014), pelos relatos, cartas, crônicas, entre outros formatos, que eram disseminados para contar as novidades de reinos, durante a Idade Média, entre outros vestígios em momentos históricos anteriores.

Para Marcondes Filho (2000, p. 11-30), o “Primeiro Jornalismo” ocorre de 1789 a meados do século 19, período do iluminismo, em que as ideias da Revolução Francesa foram disseminadas por meio de jornais, os quais eram “escritos com fins pedagógicos e de formação política”. O autor identifica o período também como o da “imprensa partidária, na qual os próprios jornalistas eram políticos e o jornal, seu porta-voz”. Há prevalência de gêneros e formatos opinativos, em que os jornalistas-intelectuais e políticos se posicionavam e utilizavam a argumentação como estratégia para disseminar os ideais revolucionários.

Já o “Segundo Jornalismo” inaugura a imprensa moderna, ou capitalista, a partir de meados do século 19. Com o desenvolvimento tecnológico e a invenção das rotativas os jornais podem ser impressos a custos baixos, e a publicidade, por meio de classificados, gera receita e viabiliza a “penny press”. Há a profissionalização do setor e a sua industrialização. Nesse período histórico, a urbanização crescente e a evolução do capitalismo levam à necessidade de informação e serviço, fazendo prevalecer nesse momento gênero e formatos informativos. “A transformação tecnológica (...) irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender muito para se autofinanciar” (2000, p. 11-30).

No “Terceiro Jornalismo”, após a “Grande Depressão Americana”, em 1929, há a disseminação das relações públicas e da “indústria publicitária”, como “novas formas de comunicação”, que concorrem com os conteúdos editoriais, impactando o jornalismo e o transformando em mercadoria. Nesse período, continua a precedência dos gêneros informativos, mas a reportagem, como aprofundamento dos acontecimentos, ganha destaque e espaço na imprensa diária.

No final do século 20 até os dias atuais, o “Quarto Jornalismo” configura-se como o “jornalismo da era tecnológica”, que apresenta duas vertentes, segundo o autor, a ação das assessorias de imprensa, “que depreciam a informação jornalística”, e a “substituição do jornalista do agente humano pelos sistemas de comunicação eletrônica, pelas redes, pelas formas interativas de criação, fornecimento e difusão de informações”. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 11-30). Na etapa tecnológica os gêneros e formatos são diversificados e convivem em diversos jornais.

Essa diversidade é revelada nos estudos de Melo (2006), que atualizou a classificação proposta nos anos 1980 (a qual dividia os gêneros em opinativo e informativo) de dois para cinco gêneros: informativos, opinativos, interpretativos, utilitários e diversionais, e seus respectivos formatos (COSTA, 2010), refletindo a evolução da imprensa diária.

Antes de Melo, Beltrão (SEIXAS, 2008) apresentava os gêneros jornalísticos em três divisões: informativo, interpretativo e opinativo. Já Chaparro (2000) questiona os critérios de classificação de Melo, criando uma nova proposta baseada na macroestrutura do texto e fundamentada na pragmática (ramo das ciências da linguagem), propondo dois gêneros, relato e comentário, e suas “espécies”.

Conforme analisa Seixas (2004, p. 3), Beltrão e Melo, se inspiraram no autor espanhol Martínez Albertos, o qual usa para a classificação dos gêneros critérios que envolvem a finalidade do texto; o autor, como a disposição psicológica ou intencionalidade; o estilo, morfologia e natureza estrutural do texto; tema e topicalidade; e por fim as relações com o contexto cultural. Essas classificações estão baseadas em conteúdo e forma, o que acarretou em separação de textos informativos de opinativos (“relação do texto com a realidade”), por temas e intencionalidade do autor, levando-se em consideração que este opina, informa, interpreta e entretém o leitor (funções). Outros critérios também são relatados pela pesquisadora, como a relação com o lugar, com o contexto, “com os modos de produção, “com as correntes de pensamento e ainda com as noções de objetividade e neutralidade”. Ao concluir, Seixas destaca que os critérios não dão conta de abarcar a complexidade dos gêneros.

Cinco gêneros

Ao adotar a classificação de Melo, concordamos com Seixas e assumimos que os critérios elencados para a divisão proposta pelo autor não abarcam a complexidade dos gêneros, porém, em razão da sua atualidade, consideramos a opção mais adequada para estudarmos o tema proposto, que é a cobertura dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo* sobre as manifestações de 15 de março de 2015 contra o governo federal brasileiro. Acreditamos que os gêneros nos fornecerão pistas sobre as tendências nas coberturas dos dois jornais, e para tanto, realizamos uma pesquisa quantitativa, por meio da análise de conteúdo, utilizando as categorias Gêneros, Formatos, Fontes, Pró ou contra Manifestações, Focos das imagens (fotografias, ilustrações, infográficos). Outras categorias foram observadas no estudo, que é mais amplo, porém, o foco aqui tratado relaciona principalmente o posicionamento dos jornais a partir dos gêneros jornalísticos.

Como referencial para a análise de conteúdo escolhemos Bardin (1977), para quem os procedimentos de categorização ocorrem em cinco etapas: a organização da análise, a codificação, a categorização, a inferência e o tratamento informático. O objetivo dessas etapas é organizar o material para posterior análise. Para a quantificação dos materiais

editoriais usamos como referência a UI - unidade de informação, proposta por Violet Morin (1974), considerando cada matéria jornalística, incluindo os diversos elementos de sua composição, inclusive imagens, como uma só unidade.

As categorias são baseadas nas funções dos gêneros e formatos, conforme analisa Costa (2010). Os Gêneros foram divididos em: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e Diversional; e os Formatos em: reportagem, notícia, nota, entrevista (Informativo); artigo, editorial, carta, coluna, resenha, comentário, crônica, caricatura (Opinativo); perfil, cronologia, enquete, dossiê (Interpretativo); história de interesse humano e história colorida (Diversional); e cotação, roteiro, serviço e indicador (Utilitário), conforme Melo (COSTA, 2010)

Além dos gêneros, foram categorizados os focos das imagens nas UIs estudadas, sendo: povo geral (nas ruas); mensagens faixas (foco nas faixas levadas pelos manifestantes durante as manifestações); políticos (brasileiro, contra ou a favor o impeachment); presidente (Dilma Rousseff); e família (grupos caracterizados como famílias presentes ao evento).

Outra categoria considerada para este estudo foram as Fontes, subdivididas de acordo com Lage (2001): fonte primária (diretamente envolvida no fato); fonte oficial (representa instituições/governo); fonte oficiosa (atua em instituições/governo, mas não os representa); fonte independente (não ligada às instituições envolvidas no fato); Fonte especializada – (especialistas que explicam -interpretam os fatos).

Por fim, a categoria Pró ou Contra as Manifestações, para a qual foram criadas duas nuvens de palavras que nos ajudaram a definir qual a postura presente nas unidades informativas. Uma nuvem Pró Manifestações, composta de frases como: *protestos contra Dilma; fora PT; governo corrupto; mudança de governo; manifestação a favor do impeachment e manifestação contra Dilma*. Ao todo 16 frases. A nuvem Contra Manifestações tinha presente frases como: *preservar a democracia; democracia precisa ser preservada; eleições legais e democráticas; governo contra corrupção; manifestação contra corrupção; eleita pela maioria*, totalizado 15 frases. A decisão pela categorização do posicionamento presente nas unidades informativa passou por uma interpretação de cada pesquisador.

Os dois jornais foram escolhidos por serem referência no país.. O jornal *O Estado de S. Paul* foi criado em 1875, com o nome “A Província de S. Paulo”, tornando-se um dos jornais mais influentes do Brasil. Em 140 anos de história, passou por diversas mudanças,

porém, mantem um posicionamento liberal e republicano, conforme menciona na sua linha do tempo disponível no portal Estadão (2015a). O perfil do público, majoritariamente fica entre 25 e 44 anos (43%), sendo que 59% são da classe socioeconômica B e 56% do sexo masculino. Possui tiragem auditada em 162.130 exemplares em dias úteis e aos domingos, 184.401 (ESTADÃO, 2015b).

Já a Folha de S. Paulo iniciou sua trajetória em 1921, “com a criação do jornal ‘Folha da Noite’. Em julho de 1925, é criado o jornal ‘Folha da Manhã’, edição matutina da ‘Folha da Noite’. A ‘Folha da Tarde’ é fundada após 24 anos. Em 1º de janeiro de 1960, os três títulos da empresa se fundem e surge o jornal Folha de S.Paulo” (UOL, 2015a).

O perfil do leitor da Folha, segundo portal UOL (2015b) também fica majoritariamente entre 25 e 44 anos, somando 43% do total de leitores; 61% são da classe B e 54% do sexo masculino. A Folha tem uma tiragem auditada bem maior, são 359.935, aos domingos, e 332.271 em dias úteis.

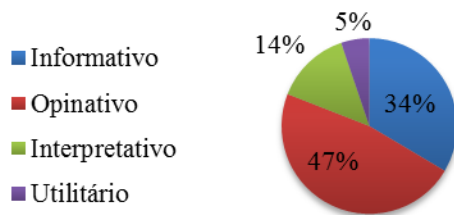
A coleta de material dos jornais abrangeu cinco edições, referente aos 13, 14, 15, 16 e 17 de março, de sexta a terça-feira – dois dias antes, o dia das manifestações (15) e os dois dias posteriores. Dessa forma conseguimos ter uma amplitude maior na cobertura dos momentos vividos neste período. Foram selecionadas 289 unidades informativas⁸, sendo 173 da *Folha de S. Paulo* e 116 de *O Estado de S. Paulo*, utilizando como critério a cobertura das Manifestações.

Gêneros e formatos predominantes

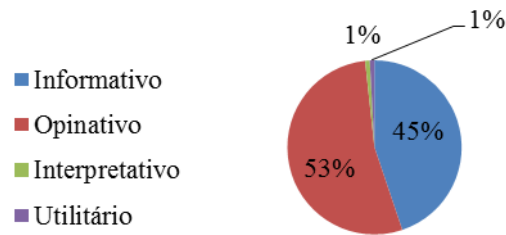
A taxonomia proposta por Melo (COSTA, 2010) para os gêneros jornalísticos é legitimada tanto na academia quanto nas redações. Buscamos em nossa pesquisa identificar quais dos gêneros estão mais presentes no cotidiano da produção jornalística dos jornais analisados e se o uso dos gêneros acontece de maneira proposital, para atender interesses particulares do jornal.

⁸ O critério de mensuração adotada, dentro da metodologia de análise quantitativa, é o da Unidade de Informação (UI) proposta por Violette Morin (1974).

**Gráfico 1 - Gêneros
Jornalísticos
Folha de S. Paulo**



**Gráfico 2 - Gêneros
Jornalísticos
O Estado de S. Paulo**



Vemos nos gráficos acima a presença dos gêneros, informativo, opinativo, interpretativo e utilitário e a ausência do gênero diversional. No período analisado, com foco na temáticas Manifestações, é predominante o gênero opinativo, correspondendo na *Folha de S. Paulo* a 47% das unidades informativas e n' *O Estado de S. Paulo* a 53%. O gênero informativo na pesquisa aparece como o segundo mais utilizado nos jornais com 34% na Folha e 45% no Estadão.

Essa separação do jornalismo opinativo e informativo é combustível de diversos debates, que tomam como base o mito da objetividade e imparcialidade na prática jornalística. No entanto em “se tratado de textos jornalísticos, os gêneros habitualmente relacionados à categoria opinativa são claramente identificáveis e se encontram legitimados” (COSTA, 2010, p.56).

Uma das interpretações possíveis é que a opinião dentro da cobertura jornalística ganha espaço significativo na atualidade, sobretudo em casos que mobilizam a opinião pública, como foram as manifestações. Para Marques de Melo (2003, p.73) os veículos de comunicação “se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias que existem”.

Dessa forma a opinião se aglutina à prática jornalística, na escolha dos temas, na disposição gráfica das notícias, na construção das manchetes e na organização das mensagens no texto jornalístico. Porém, é no gênero que se revela mais diretamente o posicionamento do jornal e a cobertura de determinados fatos.

Já os gêneros interpretativo e utilitário são os menos presentes em ambos os jornais, com maior destaque à Folha. Nos gráficos 2 e 3 conseguimos visualizar a presença dos gêneros jornalísticos em cada dia do período estudado.

Gráfico 2 - Gêneros por data - Folha de S. Paulo

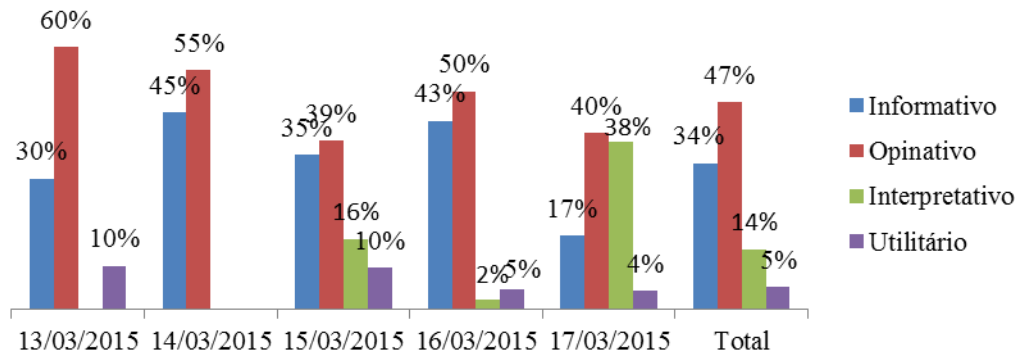
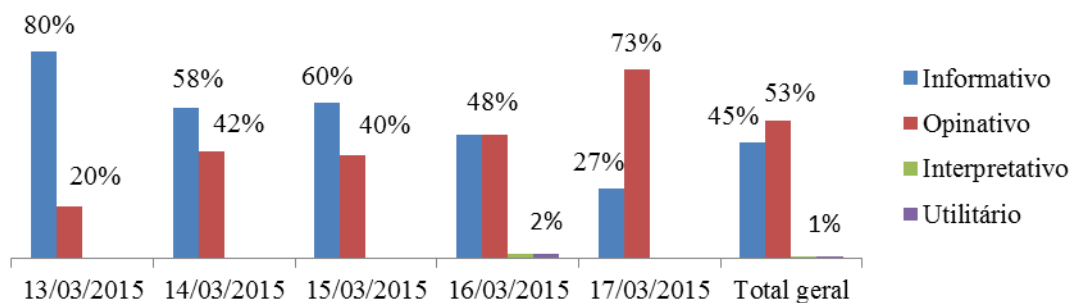


Gráfico 3 - Gêneros por data - O Estado de S. Paulo



Observamos uma grande diferença entre os dois jornais no primeiro dia da pesquisa, 13 de março. A *Folha de S. Paulo* veiculou conteúdos prioritariamente de cunho opinativo, correspondendo a cerca de 60% das unidades informativas do dia. O Estado seguiu na contramão disso, 80% da sua produção era correspondente ao gênero informativo, completamente diferente da perspectiva do outro jornal. Podemos confirmar que o Estadão preferiu priorizar a informação à opinião em um primeiro momento, o que surpreende em razão de seu perfil mais claramente crítico ao governo.

Nos dois dias subsequentes à Manifestação do dia 15, é possível observar em ambos os jornais que o gênero opinativo se sobressai ao informativo, obviamente com o objetivo de análise dos fatos ocorridos, em artigos, colunas, editoriais e cartas de leitores. Em quatro dos cinco dias de análise da cobertura sobre o tema, o Estado dá ênfase à informação, já a Folha faz uma cobertura mais opinativa. Importante ressaltar que a Folha apresenta mais diversidade de gêneros na cobertura. Conforme o Gráfico 2 verifica-se que a precedência da opinião ocorre nos cinco dias analisados.

Recorrência de Formatos

Como consequência da predominância dos gêneros informativo e opinativo nos dois jornais, em detrimento dos demais, temos um cenário de recorrência de formatos desses gêneros. O formato “notícia” aparece com a mesma porcentagem nos dois jornais, 20%. Na Folha os formatos mais presentes são carta, 20%, enquete, 13%, e comentário, 12%; no Estado o formato comentário é predominante com 44% das unidades informativas, seguido do formato nota, com 16%.

A expressiva presença de espaço para leitores na Folha é forte indício da valorização da voz dos receptores em todos os dias de cobertura, privilegiando a interatividade, característica que marca a comunicação nesses dias de tecnologia digital. Lembrando o que Marcondes Filho menciona em sua análise sobre a evolução do jornalismo, o “quarto jornalismo” é marcado pela interatividade, pela participação do leitor (MARCONDES FILHO, 2000). Já o Estado recorre ao comentário, como principal formato.

Gráfico 4 - Formatos - Folha

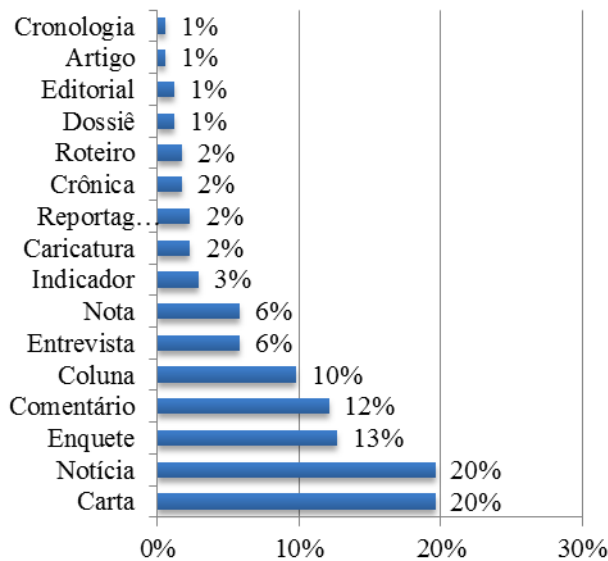
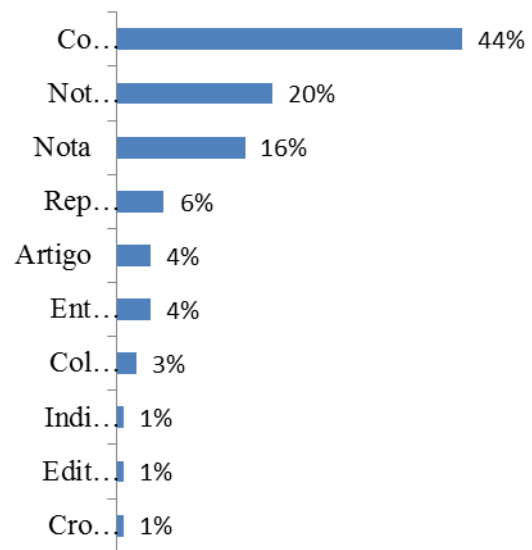


Gráfico 5 - Formatos - Estado



Pro ou contra as Manifestações?

Com a tabulação dos dados das unidades informativas chegamos ao que seria uma pista para o comportamento editorial dos jornais com relação às manifestações. Os dois jornais mantiveram uma postura de apoio às manifestações com a porcentagem de cerca de 70% das unidades informativa no período.

Porém, outro recorte dos dados nos proporcionou ver a semantização por dia. Não tão surpreendentemente ambos os jornais tiveram postura contrária às manifestações em 13 e 14 de março (dia 13 ocorreram as manifestações pró-governo, promovidas por entidades

sindicais e partidos políticos de apoio ao governo federal). Os gráficos abaixo revelam a mudança de postura dos jornais durante os cinco dias de nossa pesquisa.

Gráfico 6 - Semantização por dia - Folha de S. Paulo

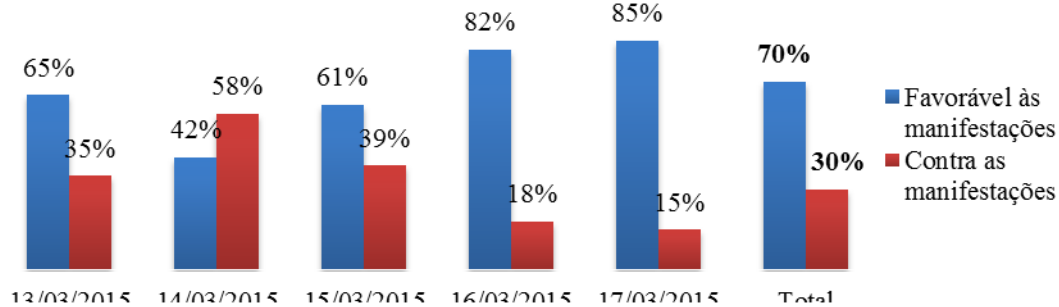
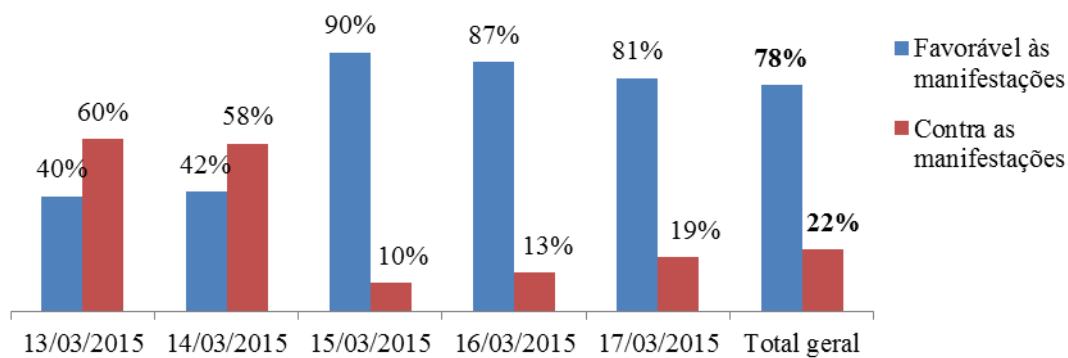


Gráfico 7 - Semantização por dia - O Estado de S. Paulo



Desde o início da análise dos dados fomos constatando nos dois jornais a valorização do gênero opinativo, especialmente na Folha; o foco em imagens da população (que fizeram parte das unidades informativas), semantizadas com o uso de frases e registros imagéticos contra o governo, mostrando claramente a posição política contrária ao governo.

Foco das imagens

De forma geral as imagens analisadas faziam alusão ao povo nas ruas, em 28% na Folha e 14% no Estadão. Esse número crescesse quantifica apenas as imagens, representando 69% na Folha e 55% no Estado. Como se sabe, a imagem é elemento importante na estrutura da unidade informativa, despertando a atenção do leitor.

Gráficos 8

Foco da imagem - Folha

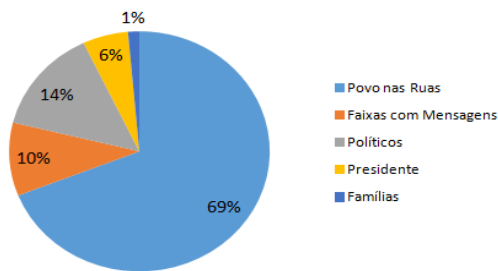
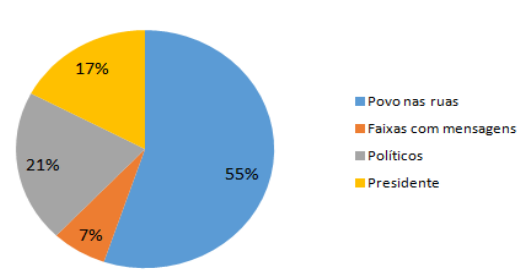


Gráfico 9

Foco da Imagem - Estadão



O interessante é notar que ambas as coberturas apresentaram focos semelhantes, porém em proporções diferentes, e apenas o Estadão não deu ênfase nas representações de famílias, o que não significa a sua ausência.

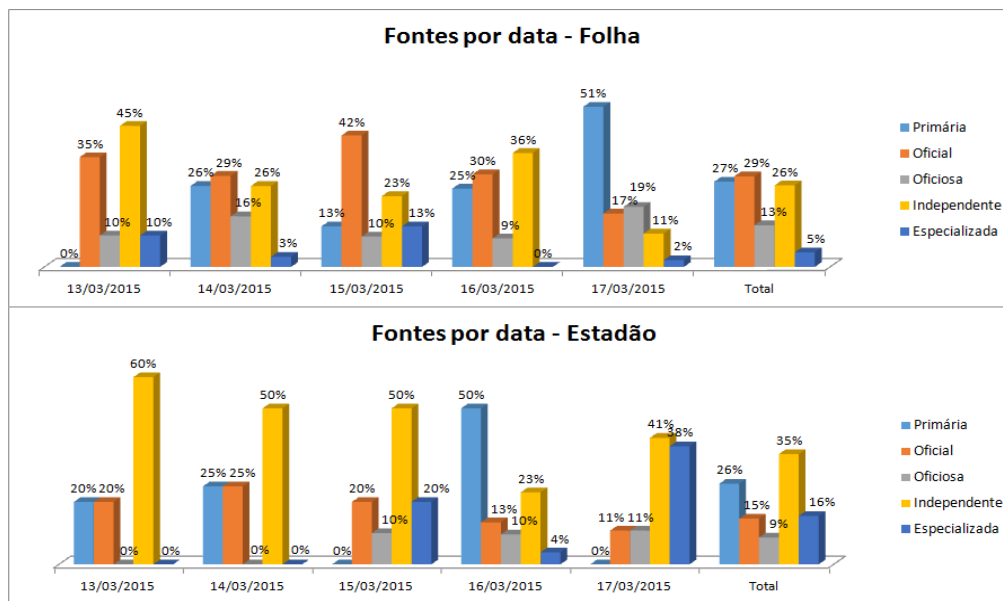
As imagens de figuras políticas ficaram em segundo lugar nos dois diários, reafirmando a relevância desses personagens para os protestos de cunho essencialmente direcionados ao governo federal. Entretanto, as figuras públicas aparecem mais como analistas dos fatos do que participantes dos protestos, sobretudo no do dia 15/3, em que políticos foram proibidos de falar nos carros de som pelos manifestantes, e muitos, como Aécio Neves, acabou sendo fotografado na janela de sua casa.

As imagens que retratam a presidente Dilma Rousseff aparecem 17% no Estadão, em maior proporção do que na Folha, apenas 6%. As unidades informativas sem fotos apresentam uma maioria contrária às manifestações na Folha, 69%, já no Estadão a maioria é associada à validação dos protestos, 79%. Isso se explica pela quantidade de unidades sem imagem pertencentes ao gênero opinativo na Folha, onde as cartas de leitores, artigos e comentários são predominantes. Pode-se observar também que quando a semantização das unidades de informação é levada em consideração, as imagens de pessoas nas ruas em protesto são majoritariamente a favor das manifestações, em 33% para Folha e 14% no Estadão.

Fontes e gêneros

As fontes jornalísticas, muito além de um conceito teórico, garantem a pluralidade da cobertura, à medida que são articuladas oferecem a perspectiva de diversas vozes da sociedade em prol da ampliação do tema. De modo geral todos os tipos de fontes foram identificados nas unidades informativas dos dois jornais, em diferentes proporções e ordem de importância, a única característica em comum aqui seria a fonte primária como a segunda mais consultada. A Folha ouviu mais fontes oficiais, em 29% dos casos, entretanto, elas só foram maioria em dois dos cinco dias.

Gráfico 10 Fontes por data – Folha Gráfico 11 – Fonte por data - Estado



Em 14/3, as fontes oficiais foram consultadas em 29% das unidades, fato interessante visto que esta foi a edição seguinte ao protesto da CUT, em que tanto fontes primárias quanto independentes ficaram estacionadas em 26%. O dia seguinte, 15/3, também foi campeão de fontes oficiais na Folha, com 42%, ante as fontes independentes com 23%, e empate entre primárias e especializadas. O dia de maior pico de fontes primárias na Folha foi em 17/3, 51%, dois dias após os protestos, quando a coluna da Mônica Bergamo dedicou boa parte do espaço a mostrar recortes de depoimentos contra o governo colhidos durante a manifestação de 15/3.

Em outra linha, o Estadão apresentou maioria de fontes independentes, em 35% do total, o que ajuda a entender que o principal formato apresentado foi o comentário, presente em 44% das unidades. Assim, as fontes independentes estiveram na liderança de quase todos os dias, com exceção apenas do dia 16/3, em que ele aparece com 23%, sendo superado pelas fontes primárias ouvidas durante o protesto de 15/3. Nesse dia, o Estado apresentou os gêneros opinativo e informativo empatados. As fontes independentes ficaram em segundo lugar, como citado anteriormente, e atingiram 26% do total, o que parece natural quando é observado que juntos os formatos nota e notícia ocupam 36%.

As fontes especializadas angariam 16% das unidades informativas no total em *O Estado de S. Paulo*, e atingem o seu ápice no dia 17/3, 38%, presentes tanto no gênero informativo quanto opinativo, e muito discretamente no utilitário, no maior infográfico produzido pelo jornal para explicar a dimensão dos protestos pelo país. A fonte oficial no Estado fica em quarto lugar. Ela se mantém presente em todos os dias em uma média de

15%, e está em 3 unidades informativas associadas ao gênero informativo, e apenas em cinco ao utilitário. Por último, a fonte oficiosa ocupa 9% do total, em maior quantidade no gênero opinativo, depois no informativo, com 12 e 9 UIs, respectivamente.

Considerações finais

As manifestações políticas de 15 de março, que povoaram as mídias brasileiras, especialmente os jornais impressos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, objetos de análise neste artigo, revelaram não só a capacidade de mobilização do povo brasileiro, tendo como aliadas as redes sociais, como também ser um tema de alta relevância para a cobertura da mídia. Nos dois jornais observados, foram 289 unidades informativas, sendo 173 da Folha e 116 do Estado, o que revela uma tendência da Folha em dedicar maior número de unidades ao tema, com especial destaque à manifestação de leitores, por meio de cartas, buscando maior interatividade com o público.

No conjunto dos gêneros e formatos observados, verifica-se que a Folha deu prioridade à opinião, 47%. Também foi o jornal que buscou maior diversidade de gêneros na cobertura. Já o Estado teve no total mais opinião que a Folha, 52%, e menor diversidade de gêneros. Uma das interpretações possíveis é que a opinião dentro da cobertura jornalística ganha espaço significativo na atualidade, sobretudo em casos que mobilizam a opinião pública, como foram as manifestações.

Como era de se esperar, na categoria Pró ou Contra as Manifestações, 70% das UIs são favoráveis às manifestações (e, por conseguinte, contra o governo federal). Ao cruzarmos essa categoria com a de Foco das Imagens, verifica-se a ênfase ao povo nas ruas, reforçando o sentido de apoio às manifestações contra o governo e a corrupção.

Quanto às fontes, o Estado apresenta o maior número de fontes independentes, 35%, grande parte associada ao formato “comentário”. Já a Folha consultou mais as fontes oficiais, 29%, o que indica uma preocupação do jornal em ouvir as fontes do governo. Como era de se esperar, a diversidade maior de fontes está presente no gênero informativo, o que confirma também que o processo de apuração jornalística em formatos informativos exige checagem de fontes.

Por fim, a presença de gêneros nos auxilia na análise dos jornais, podendo revelar a forma como os periódicos se posicionam sobre os fatos e as suas opções de cobertura, mais explícitas ou não, mas identificáveis. Duas importantes publicações paulistas se posicionaram politicamente a favor das manifestações e contra o governo. O aprofundamento da pesquisa poderá oferecer novas leituras.

Referências Bibliográficas

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. Santarém: Sortejo, 2000.
- COSTA, Lailton. **Gêneros Jornalísticos**. In: MELO, J.M; ASSIS, Francisco. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2010.
- ESTADÃO. **História do Grupo Estado**. Acervo. Disponível em http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm. Acesso 06/2015a.
- ESTADÃO. **Dados de mercado**. Disponível em <http://publicidade.estadao.com.br/estadao/estadao-dados-de-mercado/>. Acesso 06/2015b.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001
- MANIFESTAÇÃO antigoverno reúne milhares na orla de Copacabana. G1. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/manifestacao-anti-governo-reune-milhares-na-orla-de-copacabana.html>. Acesso em junho de 2015.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2000.
- MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo**. S. Paulo: FTD, 1992.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MORIN, Violette. **Tratamiento Periodístico de la Información**. Barcelona: A.T.E., 1974.
- PERUZZO, Ciclia M.Krohling. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”?**. MATRIZES, Ano 7, nº 2 jul./dez. 2013, p. 73-93
- SEIXAS, L. **Gêneros jornalísticos digitais: uma proposta de critérios para definir os produtos do webjornalismo**. In: MACHADO, E.; PALACIOS, M. (Org.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador, BA: Edições GJOL/ Calandra, 2003.
- SEIXAS, Lia. **Gêneros Jornalísticos digitais**. Artigo apresentado no XIII Encontro Anual da COMPOS, São Bernardo do Campo, 2004. Disponível <http://pt.scribd.com/doc/28326490/Generos-Jornalisticos-Digitais>.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma breve história do jornalismo no ocidente**. Disponível em www.bocc.ubi.pt/.../sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo. Acesso 01/2014.
- UOL. **Círculo Folha**. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acesso 06/2015a.
- UOL. **Publicidade Folha**. Disponível em http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor.shtml. Acesso 06/ 2015b